

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO MARANHÃO - CENTRO  
DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS  
AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS

PEDRO CANTANHEDE SILVA

**Menarca: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal  
feminina – em *Bendito o sangue de nosso ventre*, de Conceição  
Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana**

São Luís

2023

PEDRO CANTANHEDE SILVA

**Menarca: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal feminina – em *Bendito o sangue de nosso ventre*, de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana**

Artigo científico publicado em livro defendido como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros junto ao Campus de São Luís da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Edimilson Moreira Rodrigues

São Luís

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE CITADA A FONTE.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cantanhede Silva, Pedro.

MENARCA : "A vital urdidura de uma nova escrita"  
corporal Feminina - em Bendito o sangue de nosso ventre,  
de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura  
moçambicana / Pedro Cantanhede Silva. - 2023.

36 f.

Orientador(a): Edmilson Moreira Rodrigues.

Curso de Estudos Africanos e Afro-brasileiros,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA., 2023.

1. Conceição Evaristo. 2. Corpo Feminino. 3.  
Desconstrução. 4. Literatura. 5. Sexualidade. I.  
Moreira Rodrigues, Edmilson. II. Título.

**Menarca: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal feminina – em *Bendito o sangue de nosso ventre*, de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana**

Artigo científico publicado em livro defendido como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros junto ao Campus de São Luís da Universidade Federal do Maranhão.

Apresentado em 26 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Edimilson Moreira Rodrigues  
(Orientador)

---

Profa.Dra. Cidinalva Silva Camara Neres  
(1º Examinador)

---

Prof. Dr. Savio José Rodrigues  
(2º Examinador)

**São Luís**  
**2023**

Hoje, a escrita da mulher negra não tem a função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

Conceição Evaristo

## AGRADECIMENTOS

É no encerramento de um ciclo que percebemos o resultado de um esforço conjunto, onde muitas(o) se esforçam para que tudo aconteça de forma que se concretizem os objetivos.

Agradeço a Lídia Ferreira, minha companheira do cotidiano, mulher preta, guardiã do tempo, de altivez, de uma escrita corporal-feminina com fundamento para se impor ante ao domínio masculino, mulher livre, que sempre me incentivou, por tá sempre junto, por acreditar e por me amar.

A André Pablo Xangai, meu filho, por me prestar socorro quando as dificuldades surgiam, mesmo quando distante.

A Isabela Diorana de Paula, minha filha, que sempre atuou na retaguarda de forma sutil e eficiente sempre que solicitada.

A Isadora Sofia de Pietra, minha filha, que nos momentos mais tensos sempre me animou com suas histórias criadas, e assim me fez ver esses momentos como apenas meros desafios.

À minha irmã Maria do Livramento, mulher que encarou tarefa de cuidar da minha iniciação escolar quando percebeu a necessidade de me inserir numa escola formal.

Ao meu irmão José Maria Cantanhede, (in memoriam) que me possibilitou adquirir os primeiros materiais escolares e fardamentos. Ele foi meu banco de fomento.

A Maura Cantanhede, minha mãe, (in memoriam) que mesmo analfabeta me ensinou o básico da matemática e do soletrar mesmo não sabendo juntar as sílabas na tentativa de escrever algo.

A Gerôncio Bispo da Silva, meu pai, (in memoriam) que além de ajudar na construção desta instituição no início dos anos 1970 (sem que pudesse imaginar que um dia um de seus filhos por aqui passasse), trabalhou por dezessete anos como vigia noturno para garantir que eu tivesse o mínimo do que comer e não desistisse da escola. Era que quem se fazia presente nas minhas reuniões da escola ao longo do ensino fundamental.

Ao Prof. Dr. Edmilson Moreira Rodrigues, meu orientador, por sua generosidade, sorriso e compreensão. Como professor me fez conhecer escritores/poetas magníficos do continente africano, em especial, José João

Craveirinha poeta e escritor moçambicano.

À Eliana Ribeiro da Silva, secretária do LIESAFRO, por ser magnífica e prestar toda ajuda, pela simpatia e disposição em está sempre com sorriso no rosto e ajudando quem a procura.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zaira Sabry Azar, minha amiga, que mesmo sendo de outro departamento sempre deu apoio e foi a pessoa que primeiro sugeriu um esboço do que poderia ser minha linha de pesquisa a partir do “tema” que eu lhe havia apresentado, e por estar sempre à disposição.

Ao Prof. Me. José Jonas Borges, amigo e companheiro de luta, incentivador de décadas no ir e vir dos meus estudos.

A Maria Inez Pinheiro, mãe de meu filho, minha amiga. Pelo apoio, torcida e incentivo.

À Silvimar Vieira, minha sogra que foi insistente em me dar apoio e opiniões sobre minhas condutas.

À família Araildna e Robson F. Barroso, a qual tem minha admiração e carinho, por tantas vezes que se empenhou em nos ajudar com ensinamentos, apoio logísticos, socioemocional, em especial aos (nossos filhos) e principalmente por nossa amizade incondicional e infinita.

Ao Prof. Dr., Romancista e Coordenador do Coletivo de Direitos Humanos do LIESAFRO, Marcelo Pagliosa Carvalho, que ao longo dos anos acadêmicos contribuiu na elevação dos meus conhecimentos sobre os Direitos Humanos, disciplina por ele administrada com tamanha competência.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> e Ex-Coordenadora da LIESAFRO, Kátia Evangelista Regis, que coordenou este curso com maestria. Como professora me possibilitou conhecimento ao Currículo através de J. Gimeno Sacristán, na defesa de um currículo afrocentrado e antirracista.

Ao Prf. Dr. Coordenador da LIESAFRO, Rosenverck Estrela Santos, por suas aulas empolgantes e explanadas no mais alto nível do quesito História.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cidinalva Silva Câmara Neris, Coordenadora da Residência Pedagógica, tarefa que exerceu com muitos desafios durante a pandemia, mas executou com muita dedicação, compromisso e devoção.

Ao Prof. Dr. e Coordenador da Revista Kwanissa, Sávio José Dias Rodrigues, por me proporcionar conhecer as teorias do conceituado Prof. Milton Santos, e ao meu ver, maior geógrafo brasileiro de seu tempo e até para além deste.

À Profª Drª Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz, por cada aula empolgante, por nos possibilitar conhecimento crítico capaz de refutar imposições coloniais de uma história eurocêntrica, e o mito de “centro e periferia”. Onde foi possível entender que a História é dinâmica e não cíclica e, que é construída de continuidades e rupturas.

À Profª Drª Viviane Oliveira Barbosa, Africanista, que nos fez conhecer com detalhes quase que palpáveis as regiões africanas Saariana e Sub-Saariana e do Magreb com um olhar clínico de quem conhece,

À Profª Drª. Maria da Guia, por falar com simplicidade de uma vida militante, por sermos contemporâneos até nas lutas por direitos (Greve dos Estudantes pela meia passagem, em 1979), quando ainda muito jovens. Por contar de suas histórias enquanto discente dentro do Campus Dom Delgado, sua luta contra o preconceito e discriminação racial, ao mesmo tempo em que dava aula de Movimentos Sociais.

Ao Prof. Dr. Carlos Benedito, pela riqueza cultural quando da sua disciplina de Música Negra onde podemos fazer fortes debates entorno do Reggae, do Jazz, do Samba, da Música Country, do Blues, do Samba, etc.

Ao Prof. Dr. Alvaro Roberto Pires, pela leveza magistral de ensinar, com ele aprendi a respeitar ainda mais e a entender o que são as Religiões de Matriz Africana, seus cultos e suas formas de se relacionarem com as entidades da natureza. Aprendi que enquanto nas outras religiões rezam e oram, nos terreiros as pessoas cantam, dançam e tocam seus tambores.

À Profª Drª. Tatiane da Silva Sales, minha mestra de estágio curricular que me avaliou na atuação da minha Regência, indicando-me onde poderia melhorar, a forma de abordagem do tema e como se relacionar com o corpo discente.

Ao Prof. e meu Preceptor Pedro Cutrim Cordeiro, por toda atenção, companheirismo, devoção, profissionalismo, humanidade e amizade durante dezoito meses de Residência Pedagógica na Escola Luis Alves Ferreira. Sua gentileza e humildade nos faz querer tá no magistério.

Ao Prof. Dr. Eduardo Celestino Cordeiro, por ter enfrentado com a gente uma demanda tão importante em tempos pandêmicos, pelas provocações em sala, por trazer um outro viés de ver o continente africano a partir de suas riquezas, belezas e diversidade, e seus povos. Mas também a partir do que “pode se um sinônimo de estagnação”.

À Profª. Drª Teresa Cristina Lafontaine, por seu carisma, dedicação, destreza de seus movimentos ao lidar com as LIBRAS, de ensinar as LIBRAS, a forma

carinhosa do trato. Pena ter sido à distância por conta dos tempos sombrios.

Ao Prof. Dr<sup>a</sup> Richard Chistian, pela literatura, pela pontualidade, pela riqueza de conteúdos, por envolver a turma em seminários em trabalhos de extensão.

À Prof<sup>a</sup> Ma. Claudimar Durans, pelo empenho, pelo sorriso em sala, pelo trabalho de campo no Território Indígena Tremembé do Engenho. Por ter proporcionado debates acalorados em torno da disciplina (Sexualidade e Feminismo).

À Prof<sup>a</sup> Ma. Luanda Martins Campos, por ter fechado um ciclo em que já estava a trilhar a algum tempo. Por ter dissecado um tema tão importante que está colocado como um dos principais na agenda internacional (Educação Ambiental) com tanta propriedade, sinal de empenho e profissionalismo.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, meu lugar de formação e militância por anos, é onde me sinto bem.

À Dona Jucileia Barros (Loyaji Ebâmi de Oyá), pelo carinho, pela gentileza que atendeu meu convite para proferir palestra na universidade quando da minha disciplina de (Religiões de Matrizes Africanas), por abrilhantar nossa sala de aula pelos convites para que participasse dos cultos de sua religião e a suas divindades.

À Dona Zezé Menezes d'Iemanjá, irmã biológica do saudoso Pai Euclides Talabyan, primeira Ekedy d'Oxanguian da Casa Fanti-Ashante do Maranhão. Pelo carinho, pela gentileza com que aceitou participar como palestrante na disciplina de (Religiões de Matrizes Africanas) do LIESAFRO, por abrilhantar nossa sala de aula.

Ao povo indígena Tremembé da Raposa, meus amigos, por estar sempre junto em todos os momentos que precisamos, ainda que de forma improvisada do convite ser feito em cima da hora. Pelo carinho, por serem companheiros(a).

Ao povo indígena Tremembé do Engenho por ter aberto seu território para nos receber mesmo quando em situação precária de conflitos por conta da grilagem em seu território.

À Escola Luís Alves Ferreira, à sua direção a todas(o) quadro docente, às(os) discentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA e EJATEC por terem aberto suas portas e nos acolhido como Residente, com carinho e atenção, com gentileza e presteza.

### **A Minhas colegas, a meus colegas.**

Glauceline Mesquita Almeida, Igor Carvalho, Talessa Rayane Sousa de

Carvalho Santos, Vera Lúcia Pereira de Almeida, Luiz Carlos Noletto Chaves, João Carlos Coutinho Amorim, Fernando Henrique Pinheiro Rodrigues, Elga Mota Oliveira, Nayane Raquel de Oliveira Silva, Amilton Pinheiro, Gabriel Dias, Idean Silveira Nascimento, Maria Idalina Cunha Costa, Edvan Silva Barreto, Maria do Rosário Ferreira Soares, Odeth Maria Rocha de Oliveira, Liliane Rodrigues, Ildimila, Alex Ferreira, Alisson Santos, Victor Jurandir Pinto Silva.

A todas, todos e todes colegas da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros - LIESAFRO, pela companhia, pelos trabalhos em equipe e pela saudável convivência e aprendizado.

**MUITO OBRIGADO.**

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>3 OS DELÍRIOS DA PALAVRA SOBRE O CORPO.....</b>	<b>19</b>
<b>4 OS DELÍRIOS DO CORPO SOBRE A PALAVRA.....</b>	<b>24</b>
<b>5 O SENSUAL E O AFETIVO EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

## **Menarca: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal feminina – em *Bendito o sangue de nosso ventre*, de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana**

**Pedro Cantanhede Silva<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo é um exercício teórico-literário do conto litúrgico de Conceição Evaristo, intitulado como - MENARCA: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal feminina - em *Bendito o sangue do nosso ventre*, em diálogo com a literatura moçambicana, o qual usa a oração citada como abstração da ideia de criar, outra em louvor ao corpo da menina que se solidifica na mulher, através da Menarca, enfatizando saberes sobre o corpo como elemento da sua história e sexualidade, visto por um mecanismo de saber: a literatura.

Há no poema, a temática corporal como um elemento de resistência, que proporciona à mulher, descobrir seu corpo como “lugar-texto-original”. A construção identitária da mulher-menina que não será governada pela sujeição masculina, nem pela obediência, mas pela consciência do ser menina-mulher “plena de gozo”. Assim, a análise busca apenas e tão somente, descortinar os elementos que compõem o texto literário, atomizando-o em suas partes, para que depois ele seja mais significativo aos olhos do leitor, no plano erótico, inclusive. A intenção é propor uma aproximação entre a arte literária, o leitor e o ser feminino, trazendo a MENARCA, como ponto crucial de descobertas e transformações.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura; Conceição Evaristo; Desconstrução; Corpo Feminino; Sexualidade.

---

<sup>1</sup>Graduando do curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão.

**ABSTRACT:** This article is a theoretical-literary exercise of the liturgical tale by Conceição Evaristo, titled - MENARCHE: “The Vital Warp of a New Female Body Writing” - In Blessed the Blood of Your Womb, in Dialogue with Mozambican Literature, which uses the quoted prayer as an abstraction of the idea of creating, another in praise of the girl’s body that solidifies in the woman through the Menarche, emphasizing knowledge about the body as an element of its history and sexuality, seen by a mechanism of knowledge: literature.

In the poem, there is the corporal theme as an element of resistance, which allows the woman to discover her body as an “original-place-text.” The identity construction of the woman-girl that will not be governed by male subjection, nor by obedience, but by the awareness of being a girl-woman “full of enjoyment.” Thus, the analysis seeks only to reveal the elements that make up the literary text, atomizing it into its parts, so that later it becomes more significant in the eyes of the reader, including, on the erotic level. The intention is to propose a rapprochement between literary art, the reader, and the female being, bringing the MENARCH as a crucial point of discoveries and transformations.

**KEYWORDS:** Literature; Conceição Evaristo; Deconstruction; Female Body; Sexuality.

**OBJETIVO GERAL:**

Estabelecer uma aproximação entre a arte literária, o leitor e o ser feminino, trazendo a MENARCA, como ponto crucial de descobertas e transformações.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Demonstrar ao leitor, a visibilidade da temática corporal feminino como elemento de transformação e resistência.

Interpretar a importância da construção identitária de ser mulher-menina enquanto importantes elementos da sua história e sexualidade.

**METODOLOGIA**

Utilização de recursos literários sobre o feminismo e a luta contra o patriarcado e a aceitação do corpo feminino, entre artigos, dissertações, e livros de origem tanto brasileira quanto moçambicana.

## APRESENTAÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros foi o resultado de uma pesquisa bibliográfica em torno da literatura, da escrita e da poesia e da obra de Maria da Conceição Evaristo de Brito, que deu vida ao tema trabalhado. MEARCA: “A vital urdidura de uma nova escrita” corporal feminina – em Bendito o sangue de nosso ventre, de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana.

O artigo traz em suma, uma análise da participação e frequência da mulher negra brasileira na literatura contemporânea. Na sua trajetória e nas possibilidades que o espaço conturbado “oferece” a essas mulheres escritoras. É perceptível o quanto ainda hoje a exclusão pelo qual a escrita feminina sofre num país tão machista e patriarcal, onde os espaços normativos que massageiam o status-quo ainda são preenchidos quase que apenas e tão somente pela figura do másculo.

Ao mesmo tempo observa-se a importância da participação da mulher e, em especial a mulher negra na edificação da literatura, onde estas deixam sua marca, quer por um viés social, quer por um viés político e militante ou mesmo econômico, aportada e solidificada na memória, ancorada na história social, política e literária do Brasil e de Moçambique.

A obra cortejada neste trabalho, expõe principalmente os tratos velados e/ou implícitos, violentamente perversos ao ser feminino desde os períodos coloniais e de independência, das épocas de chumbo ao período contemporâneo onde elas são violadas e condenadas pelas sociedades. Épocas essas em que perduram estereotipados conceitos tanto da mulher brasileira, quanto da mulher africana/moçambicana, principalmente na camarinha do doméstico, ode a menina-mulher- a mulher-menina deve dedicar-se aos afazeres do cozinhar, cuidar da casa e da família.

É na poesia de Evaristo que se torna grito ensurdecido as denúncias históricas e atuais da modernidade. Também é nela que se “apalpa” as literaturas moçambicana e brasileira se entrelaçando, e, como numa brincadeira de ciranda giram de mãos dadas (...) pois as escritoras tiveram e tem uma importância irrefutável na resistência e na existência das gerações do porvir.

## INTRODUÇÃO

A obra de Conceição Evaristo, *Bendito o sangue de nosso ventre*, causa espanto e uma surpresa, numa primeira leitura. Como a dizer com Bucuane in Saúte (2004, p.456) no poema *Negra*: “em ti a placenta das gerações do devir/ palpita de cio místico”, oh poesia. O espanto se solidifica na surpresa quando aquele é demonstrando como diálogo com algo reconhecido. No caso da poesia de Conceição Evaristo, o reconhecido vem da tipologia, canto litúrgico, uma espécie de canção que canta as partes do corpo feminino e conversa, como num ato singelo, com a oração do Ave-Maria como “proveta da memória”, Clotilde Silva in Saúte (2004, p.141), que dá vida à menarca. A autora, com o poder de refletir, supõe um afastamento, e usa a oração como abstração da ideia de criar, outra em louvor ao corpo da menina que se solidifica no da mulher. A voz desta vez é feminina mundana, o poema confirma o estigma da separação entre a mãe consoladora e mãe mulher, feminal, qual uma nova oração feminina, revisitada pelo olhar sensível de quem vive os problemas religiosos na pele. Esquarteja o canto litúrgico, supre dele a palavra *fruto* e insere sangue. Como num ato, também, ritual que se plasma de memória afetiva, escultural e angelical, e alberga, acolhedora, o passar da infância à vida adulta. Decalcando saberes sobre o corpo como elemento da história e da sexualidade, Foucault (1997), visto por um dos mecanismos de saber: a literatura.

Para iniciar esta secreta viagem nos meandros da arte poética – usemos as palavras de Armando Artur, “eis a secreta viagem/ duma ave imaginária/ em busca do instante/ onde tudo recomeça”, a arte da escrita, e conseqüentemente, a da poesia esteticamente comprometida com o social e, conseqüentemente, o corpo feminino que passa por modificações. Para escandir os elementos simbólicos, o texto-litúrgico de Evaristo, exige um leitor crítico, tal qual nos orienta Kayser (1976, p.04).

Todo o estudo teórico acerca da obra poética está inicialmente ao serviço da grande e difícil arte de saber ler. Só quem sabe ler bem uma obra está em condições de a fazer entender aos outros, isto é, de a interpretar acertadamente. E só quem é capaz de ler bem uma obra pode satisfazer as exigências inerentes à ciência da obra poética

Esse será o nosso ofício: satisfazer as exigências inerentes à arte poética de Conceição Evaristo em *Bendito o sangue de nosso ventre*, com intenção de propor uma aproximação entre a arte literária, leitor e o ser feminino em seu ponto crucial de descobertas e transformações: a menarca<sup>2</sup>.

Há, no poema em análise, uma construção identitária da mulher-menina que não será governada pela sujeição masculina, nem pela obediência, mas pela consciência do ser menina-mulher “plenificadas de gozo”. Num constructo identitário: (...) *o sangue de nosso ventre*. Conceição Evaristo dá voz à mulher – inova ao dar vasão à menarca – neste poema, através do rito de iniciação que anuncia a “Minha menina” como detentora das “matriciais vozes” e sentimentos que emanam do *Bendito o sangue do nosso ventre*.

A nossa análise busca apenas e tão-somente, descortinar os elementos que compõem o texto literário, atomizando-o em suas partes, para que depois ele surja mais significativo aos olhos do leitor, no plano erótico inclusive.

Assim faz-se necessário trazer Ferreira (2020, p. 489); Oliveira Filho e Saraiva (2018), quando abordam sobre a simbologia da lua numa relação erótica/sexual da personagem do conto Luamanda de Conceição Evaristo. Nesse sentido, a renovação cíclica também se aplica às transformações ocorridas no corpo durante o ato sexual, desde a excitação inicial até o momento do orgasmo ou da sua ausência, já que a lua simboliza vida (leia-se excitação, que é o prenúncio do ato) e morte (leia-se relaxamento). A “vida” representa, assim, o ato sexual em si – e o que dele resulta em sensações corporais – que passam por processo bioquímico específico: taquicardia por exemplo; e, a “morte”, para o erotismo é sinônimo de gozo, “orgasmo”: *petitmort*, como consta em Bataille (1987). Não esquecendo, ainda a possibilidade de repetição: por sinônimo, a própria renovação. Com isso, pode-se pensar a personagem Luamanda como alegoria erótica, considerando que o corpo de referência às transformações, diga-se, gradativas, é o dela.

“Lua, Luamanda, companheira mulher. Havia dias em que era tomada de uma nostalgia intensa. Era a lua a mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desminlinguia todinha” (EVARISTO, 2016, p. 59).

---

<sup>2</sup> É o nome dado à primeira menstruação da mulher e é uma das últimas fases da puberdade. O primeiro ciclo tende a acontecer entre os 10 e 15 anos, podendo variar conforme o estilo de vida, histórico de menstruação das mulheres da família, hábitos alimentares, alterações hormonais, entre outros fatores.

Distantemente dos valores e análises que primam pelo erótico como o entendemos com Bataille (1987 p.11): "representação de uma busca psicológica independente que se sobrepõe ao fim natural", ou seja, a reprodução do humano, que neste texto não o cotejamos.

Considerando que, nossa análise busca descortinar os elementos que compõem o texto literário, para complementar essa análise utilizamos como metodologia recursos literários sobre o feminismo e a luta contra o patriarcado e a aceitação do corpo feminino, entre artigos, dissertações, e livros de origem tanto brasileira quanto moçambicana.

Faz-se necessário dizer que o tema em questão, Menarca: "A vital urdidura de uma nova escrita" corporal feminina – em Bendito o sangue de nosso ventre, de Conceição Evaristo em diálogo com a literatura moçambicana, é na verdade o tema dado a um capítulo de um livro (Ebook – nominado: "Moçambiencanto" – as vozes dos poetas acendendo o verbo da poesia, que foi publicado pela CLAEC Editora, e após foi transformado em artigo - TCC para obtenção de nota como graduando de licenciatura.

A obra de Conceição é por assim dizer um tema interdisciplinar (grifo nosso), porque mergulha num universo "pouco" explorado pela literatura contemporânea. De acordo com a autora sua obra é uma obra que assunta, que ver, que escuta, que presta atenção, que valoriza a vivência e as experiências de toda uma vida de lutas e sacrifícios. Rodrigo Nunes de Sousa, (2019, p. 94), é contundente ao afirmar que falar de temas relativo as mulheres, é trilhar em um espaço "minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, e pontuado de ambiguidades sutis".

O porque desta escritora? É porque é uma escrita que incomoda, que perturba. Porque Conceição Evaristo fala das mulheres. Vejamos sua biografia

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG). Foi a segunda de nove irmãos. Teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria, na extinta favela do Pindura Saia na região centro-sul da capital mineira. Estudou em escola pública e trabalhou como babá e faxineira enquanto cursava os estudos secundários, aspirando à carreira de professora, mas quando concluiu o curso normal, não conseguiu emprego em Belo Horizonte.

Não havia, na época, concursos para professores em Minas Gerais: aulas, só para quem fosse indicado. Assim, Conceição mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e seguiu carreira no magistério, lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006.

Evaristo lançou-se na literatura no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*, publicação literária periódica que teve início em 1978, com o intuito de veicular a cultura e a produção escrita afro-brasileira, seja na forma da prosa, seja na forma da poesia.

Conciliando os trabalhos na docência, na literatura e na produção de estudos teóricos, Conceição Evaristo titulóu-se como mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica-PUC-Rio, em 1996, com a dissertação *Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afrobrasilidade* e depois como doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense-UFF, período em que aprofundou seu conhecimento sobre a literatura angolana e a afro-brasilidade. Defendeu, em 2011, a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, em que analisou a poesia dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira e a do angolano Agostinho Neto. Em 2012, ministrou cursos sobre a “escrivência de mulheres negras” e “inscrições de afro-brasilidade” no Middlebury College Summer Schools, nos Estados Unidos.

Autora de contos, poemas e romances, parte deles traduzida para o inglês e o francês, além de vasta obra teórica, Conceição Evaristo foi finalista do prêmio Jabuti em 2015 e contemplada, em 2018, com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra, sendo reconhecida como uma das mais importantes escritoras brasileiras da contemporaneidade.

Entre suas obras incluem-se:

Os Romances *Ponciá Vicêncio*, 2003 e *Becos da Memória*, 2006; *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2008 (poesia); os contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2011 e *Olhos d'água*, 2014; os contos e novela *Histórias de leves enganos e parecenças*, 2016 e *O Romance Canção para ninar menino grande*, 2018.

Conceição Evaristo foi a primeira mulher negra a tentar ingressar como candidata à cadeira de número 7 na Academia brasileira de Letras, no ano de 2018. Tal cadeira estava sob vacância após a morte do seu ocupante, o Acadêmico e cineasta Nelson Pereira dos Santos, falecido no dia 21 de abril do mesmo ano. Mesmo com todo o apoio popular, de movimentos sociais e, de dois abaixo-assinados com milhares de assinaturas, Evaristo não foi eleita para ocupar a cadeira que tem como patrono o escritor e abolicionista Castro Alves (1847-1871).

Assim, a escolha desse artigo deu-se devido a sua ousadia e importância, já que em sua introdução causa espanto e surpresa e que ambos se solidificam quando aquela é demonstrado como diálogo com algo reconhecido, e que o reconhecido vem da tipologia canto-litúrgico, uma espécie de canção que canta as partes do corpo feminino e conversa como num ato singelo, com a oração do Ave Maria. É como se se juntassem o sagrado e o profano sob o mesmo teto. E a poesia vai mais longe, e supõe um afastamento, usa a oração como abstração da ideia de criar outra, e assim ela esquarteja o canto litúrgico, mais não só isso. Ela destrona o masculino da oração, ao afirmar que a menina é “velha guardiã do tempo”. Assim, o porque do poema, é que ele enaltece o feminino e destrói os paradigmas da escrita que louva o masculino e, ao mesmo tempo se utiliza da menarca, da menina-mulher como a inexorável semeadora de sementes, de frutos-vida do bendito fruto do nosso ventre por todos os séculos, todos.

## **OS DELÍRIOS DA PALAVRA SOBRE O CORPO**

Com a estratégia de análise que nos ensina Nelly Novaes Coelho, podemos afirmar, dessa vez, sem contraditório que:

A análise de texto atomiza o texto poético, fragmenta-o em seus vários elementos constitutivos. Destrói de início a beleza e emoção do poema, para que, numa síntese final, com suas partes outa vez reintegradas no todo, o poema surja aos nossos olhos muito mais rico em suas significações e muito mais belo em sua dimensão criadora (COELHO, 1974, p.51).

Podemos afirmar que lendo o poema, ele nos proporcionou destruí-lo em suas partes avassaladoras, neutralizando sentidos, imagens, metáforas e metonímias, em proveito da excepcionalidade criadora de Conceição Evaristo, que se traduz na poetiza com matrizes afro-brasileira, de cariz notadamente africano. Composto com “a vital urdidura/ de uma nova escrita” que se inscreve no copo da menina, melhor, em

suas entranhas.

Podemos contemplar com Conceição Evaristo, os elementos simbólicos que permitiram nossa análise, como delírios da alma e unguento do corpo, desde o poema:

Bendito o sangue de nosso ventre  
Conceição Evaristo

Minha menina amanheceu hoje  
mulher – velha guardiã do tempo.  
De mim ela herdou o rubi,  
rubra semente, que a  
primeira mulher nos ofertou.  
De sua negra e pequena flor  
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.  
Dali pode brotar um corpo,  
milagre de uma manhã qualquer.

Ela jamais há de parir entre dores,  
velhas mulheres vermelhecem  
maravilhas há séculos  
e no corpo das mais jovens  
as sábias anciãs desenham  
avermelhados símbolos,  
femininos unguentos,  
contra-sinais a uma antiga escritura.  
E ela jamais há de parir entre dores,  
há entre nós femininas deusas,  
juntas contemplamos o cálice  
de nosso sangue e bendizemos  
o nosso corpo-mulher.  
E ali, no altar do humano-sagrado rito  
concebemos a vital urdidura  
de uma nova escrita  
tecida em nossas entranhas,  
lugar-texto original.

E em todas as manhãs amanhecemos  
dias e noites  
bendizendo o nosso sangue,  
vida-vazante no tempo.  
Nossas vozes, guardiãs do templo,  
entoam salmos e ladainhas  
louvando a humana teia  
guardada em nossas veias.

E desde todo o sempre  
matriciais vozes  
celebram as nossas vaginas vertentes,  
veredas de onde escorre  
a nossa nova velha seiva.  
E eternas legiões femininas  
glorificam, plenificadas de gozo,  
o bendito sangue de nosso ventre,  
por todos os séculos. Todos.  
Amém.

A autora se apropria de parte da oração para nominalizar o seu texto realizando esse ato intertextual litúrgico, o que causa um estranhamento, ou seja, busca uma

oração cristã para falar de partes de um rito de passagem feminino, nominalizando o sexo, a criação e a vagina como *locus* donde emana a seiva que certifica a vida: sangue. Além, claro, de destronar o masculino quando afirma que a menina é “velha guardiã do tempo”. A narradora destrói os paradigmas da escrita que louva o homem, o eu masculino poético, como na oração em análise, para compor um cenário no qual a deusa é feminina. Confirmando que: “o silêncio mordido”, como já nos disse a autora, em outro texto poético, “rebela e revela/ os nossos ais”.

Ato, afeto, corpo e devoção se traduzem nesta ação velada que se mescla em simbologia de geografia humana, afetivo-religiosa que traduz as delícias do corpo em forma de poesia. “Assim, a metáfora que deixa adivinhar serve melhor o amor/poesia do que a expressão que diz tudo. O erótico-velado é ao mesmo tempo o erótico-revelado” Alexandrian (1991, p.451). O revelado na poesia de Evaristo está associado a cor, mas, acima de tudo a pele. Um misto de cor e pele se associam neste erótico-velado para revelar as diretrizes do ser mulher, negra, nesta sociedade masculina. A autora busca um símbolo que é ele mesmo, enigma do ser mulher: o sangue que significa e traduz o momento da concepção, o índice de que o corpo está preparado para o momento primacial e contínuo. Desde o título, *Bendito o sangue de nosso ventre*, a autora confirma o humano: sangue, mulher, útero donde alberga o ser com as antíteses: morte e vida expostas ao delírio do ser mulher que celebra o contínuo humano— *nosso ventre*. Com Evaristo estamos ante um caso de “feminino-humano” *sui generis*, que eclode como texto arma, que abre novas trincheiras desde o texto religioso, para expor seu inventário de experiências, criando um itinerário mítico-religioso para falar do corpo de uma menina que amanhece mulher e que, por isso, exercerá um esforço descomunal para existir.

O poeta Ruy de Carvalho em uma *Aprendizagem do dizer festivo*, declara que “Um texto é um esforço de existir”. E dizemos que é, também, principalmente, ao sujeito africano ou brasileiro feminino, um esforço de resistir ao insistir na temática corporal feminina como elemento mágico, mas também como elemento revelador do esforço de resistir às mazelas do social, quando as questões são corporais, físicas, afetivas e opcionais, vividas pela mulher quando (o dizer festivo feminino: menarca) descobre seu corpo como “lugar texto—original”.

O lirismo de Conceição revela e inunda, ao mesmo tempo que declara e anuncia, garimpando as metáforas do corpo, como quem semeia na terra fértil da palavra. Ela espalha as sementes, esbulha os espaços com o líquido-vida que jorra

do texto-original. Sendo, pois, o lugar fértil, habitat do ser poeta, morada do sêmen que, qual semente fertiliza o lugar como campo nascedouro de vida-palavra. Os enigmas da vida estão aí postos aos olhos do leitor para a colheita do fruto texto-original. Marcando, portanto, o campo donde jorra sangue e vida, metáfora e emblemas de prazer, que a autora ara com a suavidade do dizer feminino.

Traça, assim, uma panorâmica de palavras justapostas ao lugar que, supomos, ser morada, ainda que provisório, mas longo de formação do homem: o útero. A escrita de Conceição Evaristo revela a marca fundante da poesia da ancestralidade africana, e, indubitavelmente, afro-brasileira, com a capacidade de se impor, ante a avalanche colonial e a supremacia máscula. Ela desarma e insinua, penetrando nos temas da diáspora, cordão umbilical, de sua escrita. Solidária em sua ampla dilaceração do africano denuncia-a com a percepção individual, verdadeira e comprometida com “matriciais vozes” da África que a habita.

Seu cântico, muito similar ao de Noémia de Sousa donde o *Sangue Negro* jorra como potência de revolta expressando denúncias. Lá, da nefasta violência colonial, aqui, no Brasil, da coisificação da violência social. Ambas petrificam as violências, no texto revolta, com o fito de apagar as marcas dolorosas: “Oh minha África misteriosa, natural!/ minha virgem violentada!/ Minha mãe”, Noémia in Souza e Silva (1996, p.60).

“Minha menina amanheceu hoje/ mulher – velha guardiã do tempo.” O eu poético desse texto deixa claro, desde logo, que este é um texto ritual. Uma conquista corporal que se constitui e institui-se pela experiência da passagem dos anos – com ou sem a presença dos adultos – uma experiência do ser menina no seu “aprender-a-viver” na perspectiva rosiana. E mais, pelo que nos ensina Resende (1988, p.207).

Os meninos se esbarram em dificuldades, sofrem, mas investem mais, não desistem da aventura de continuar. A presença do adulto é importante, enquanto ele é mediador, mas a ação e a experimentação são do próprio sujeito, porque, na verdade, o impulso de saber, de sondar, de ir e apropriar-se do mundo ou integrar-se nele é intrínseco ao agente da ação, que é o caminhante.

E a ação menarca gera o impulso do saber que surge como compromisso do ser – criança-menino-menina – que se forja e que herda o tempo corporal e social, exigindo a integração nele e no mundo. A menina, como nos velhos contos de fadas, deixou de ser menina e passa a mulher, sob os olhares atentos de um adulto que, neste caso é a mãe, que cumpre um ato litúrgico, anunciando ao mundo, sua litania de certeza, a chegada de uma mulher. Podemos supor, numa análise mais livre, que

os elementos feéricos estão postos nas imagens da menina, da mulher, do tempo e do sangue que costuram todos os emblemas dos contos de fadas. Mas, também, da formação do ser mulher: “E desde todo o sempre/ matriciais vozes/ celebram nossas vaginas vertentes”.

A declaração afetiva, “Minha menina”, demarca um olhar de sensibilidade e carinho ao corpo feminino que se prepara à vida. Corpo que amanhece hoje, amanhã e sempre sinalizando sua assertiva de fêmea, mulher que procria e recria o cenário da vida. Ela organiza o intuitivo, afasta as arestas do impossível e vela as noites distantes: “Ali, no altar/ do humano-sagrado”. Sutilmente podemos ler humano sacralizado, porque o corpo está preparado para as travessias das grandes viagens que culminam nas portas, nos tetos prometidos. Supostamente porque, como diz Mark Dennis Velhinho in Apa (2003, p.175): “O primeiro ninho/ não foi um pássaro quem o fez: foi uma mulher, ou um poeta”. E nós deduzimos que o ninho do qual fala o poeta, não é a morada, a casa de concreto, mas a casa de carne, o útero. Eis, pois, uma construção salutar que dialoga com Conceição Evaristo erigida sobre o privilégio dos poetas que fertilizam seus textos na nobreza da palavra, pois, “Dali – desta simbiose de a/fetos – pode brotar um corpo”, quase sempre, como denuncia veladamente Conceição, “e no corpo das mais jovens”.

No texto, a menina e a mulher estão concatenadas através da sutileza da palavra tempo que ganha a dimensão do humano. Quem protege o tempo neste momento, é a mulher, velha guardiã, desse tempo que é sagrado para o momento certo da vida: “no altar do humano”. O corpo é revelado como obsessão do desejo, da posse, do prazer de plantar novas sementes e nele colonizar. O que deflagra civilização. Eis uma assertiva do corpo feminino que eclode como canto da terra, de um país idílico, (na poesia africana, brasileira...) por que: “Teu corpo é o país dos sabores, da súplica e do gozo,/ é essa taça onde bebo/ toda a loucura a que me converto”, Saúte, (2004, p.564) lê o homem quando as jovens estão esculturalmente preparadas e biologicamente constituídas pela menarca.

A taça metaforizada por Saúte é o mesmo “lugar texto-original” do qual fala Evaristo. Estamos, pois, diante do esplendor do corpo telúrico inscrito no ato de criação e concepção, “no altar do humano” sacralizado, justamente porque o lugar original deflagra a origem da vida, a vagina como “vereda de onde escorre/ a nossa nova velha seiva” que pode ser o líquido seminal, mas aqui, no texto de Evaristo, é líquido da menstruação.

## OS DELÍRIOS DO CORPO SOBRE A PALAVRA

Nesta incursão poética que funciona como oficina de vida da autora, podemos declarar que o corpo é morada de prazer que alberga a palavra como delícia de imagens. Tendo o corpo como desenho de rotas que são escritas como quem pinta. Há aquele que pinta, desde as palavras, as delícias do corpo, o leitor. Uma, a autora, desenha com letras as trajetórias do ser mulher como “eternas legiões femininas”, que, funcionam como “velhas guardiãs do tempo”.

Tenhamos a certeza que, neste cerzir de sentimentos, emblemas, imagens, o eu poético nos leve a pensar que a menina, agora mulher, esteja protegida pelo “tempo” que a solidifica enquanto ser que “amanheceu hoje mulher”, madura, refeita em guardiã. Podemos, pois, asseverar que há um símile de ideias com a poesia de Saúte (2004, p.564): “teu corpo é essa casa feliz/ onde se celebra/ a loucura e o frio dentro das falésias, teu corpo é um amor de suplícios”.

Amor que cumplicia declarar a casa-corpo como morada da ficção feminina que exige representações, atuações, para celebrar a loucura do viver: “De mim ela herdou o rubi, rubra semente, que a primeva mulher nos ofertou.” Destacamos que no antanho, os antepassados são sempre convidados a esta festividade corpórea. A primeva mulher oferta vida, mas, também, lide, contradições, percalços como rubra semente. Que, em vez de doar vida, tira-as.

A essas mulheres a vida lhes exige responsabilidades advindas por herança. O ato de conceber funciona como um legado testamentário. A fragilidade feminina está posta na imagem do rubi herdado? O que faz brotar o fruto é originária da semente, que é antítese de vida passageira. O rubi é duradouro, longo, que elas ganham como presente de certificação de vida feminina, a quando do ato festivo da menstruação primeva. Isto porque a cor rubra é de um vermelho tão forte quanto o sangue que jorra das entranhas do corpo feminino.

A vida exige responsabilidades precoces, para toda menina-mulher, e, no curso do tempo, que a faz guardiã, lemos uma responsabilidade do ser mulher que nasce nessa “vital urdidura”: a menarca. Importa destacar, que, o rubi é símile de sangue, mas também um simulacro de semente que não se destrói, não gera pela germinação, mas pelo compromisso de ser mulher. As efemérides familiares, as iguais estão convocadas nesta citação da “primeva mulher” aquela que espalhou a semente, e as dispersou pelos solos do mundo. Temos aí, pois, a ideia de diáspora, a dispersão e a

mobilidade cultural, provocadas não pelo homem, mas pela primeva mulher, que semeia a terra com seus frutos, muitas vezes com afetos, desafetos: justamente porque elas “todas as manhãs amanhecemos/ dias e noites”. A figura da antítese – como a que carrega o corpo feminino porque é vida e a contém, e noutra, não lhe é permitido conter a vida, retê-la – se traduz nessa contradição de amanhecer dias e noites, ou seja, o tempo da normalidade, para algumas mulheres inexistente, é uma repetição constante, sem começo, meio ou fim. Justamente porque são a representação simbólica da vida que se infla no signo do “bendito sangue de nosso ventre, por todos os séculos”.

Nessa escrita de Conceição Evaristo as imagens se ampliam em Pátria, Templo, flor, terra e mulher as quais permitem habitar, plantar sementes, alojar sonhos; ambas são detentoras de segurança, de agradabilidade, mas também denotam insônias do destino crucial do ser feminino que atravessa os desertos, as machambas, indústrias e lavouras à busca da sobrevivência sempre renovada. A poesia de Conceição Evaristo faz uma reunião dos sentimentos dispersos, no tempo de afirmação das culturas africanas e brasileiras. Ela valoriza a cultura, a vida (que não é uma decorrência natural, ao ser feminino) que remetem sempre para uma profunda poética da terra-corpo-humano. Numa sólida opção que espalha a palavra como fruto, ela, a palavra, se alberga nas entranhas da terra-vagina para alastrar o contínuo da humanidade.

“De sua negra e pequena flor/ um líquido rúbeo, vida-vazante escorre”. A fantasia como imagem é colocada neste excerto que alude às características que convertem ideias em texto. O pacto narrativo está posto, mas, no entanto, o estabelecido faz parte do social vivido por todos – leitor e autor, mediatizados pelo eixo fulcral do texto, são convocados a pensar que esta verossimilidade ocorre na vida social. O que nos leva refletir com Bosi (1977, p.61) – “A dialética que pulsa na vida da poesia não é diferente da dialética social: como esta, não supera sem conservar”.

As artes plásticas e a literatura, só para citarmos duas áreas do saber relacionadas a essa digressão de análise, são objetos de constantes diálogos entre o continente africano e Brasil como uma “vida-vazante” que jorra em todos os setores sociais, deflagrando zonas de contatos. Assim como os homens se deslocam, as lendas, histórias e contos viajam e, com eles, aderem-se aos ouvintes formando a cultura desse homem. No Brasil essa relação, como sabemos, não foi pacífica, quanto ao intercâmbio dos sujeitos africanos com os brasileiros; o que a escritora Evaristo

demonstra pode ser considerado como um palimpsesto sempre revisitado: “De sua negra e pequena flor”. A negra flor será sempre revisitada porque a menarca demarca o rito de ascensão do corpo que receberá novas escritas, “no corpo-mulher” com sua “vital urdidura”. O tecido, o *textum* que enlaça ideias e costura o manto da vida, é o mesmo que concatena os elementos do social. Pois, o escritor, como as “sábias anciãs”, cerzem, tecem, “desenham avermelhados símbolos” como índices de terra, lar, albergues prometidos.

“De sua negra e pequena flor/ um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.”. Na comparação da vagina como flor e do líquido como vida, Evaristo traça, no tabuleiro literário, o jogo lúdico do vigor da menina-mulher. Ela neutraliza com metáforas, e com sinédoques, o corpo feminino para torná-lo similar à terra, numa eclosão de desejos que escorrem na vida de algumas mulheres. A vagina que é flor hospeda vida e, antes, faz jorrar o símbolo maior: sangue. Não causa surpresa nesta análise dizermos que o corpo, através da negra e pequena flor, traceja rotas, demarca momentos, espaços e objetos imantados porque fértil: flor, líquido, vida-vazante.

Vida que vaza, e, por isso mesmo, incursiona uma viagem nas entranhas do corpo e na paisagem. A escrita de Evaristo funciona, pois, como escritura de viagem corporal que transporta o ser pueril ao ser adulto, somente porque a “vida-vazante escorre”. Tal qual uma viagem que, paradigmática como metáfora do exílio individual da menina, se torna coletiva na viagem transcultural das mulheres. Elas levam suas bagagens autobiográficas, de corpora de escritas que serão autorreflexivas porque são o pomar donde germina “a negra e pequena flor”.

Os mecanismos de resistência do ser negro estão impressos neste excerto que usa o diminutivo para declarar sua luta constante no mundo gigantesco do vilipêndio: corporal, social e político. Há formas de combinações frásicas que nos dão pistas linguísticas de uma deriva, da diaspórica certeza do desvio que sofrem ao longo de seus itinerários, as mulheres, “plenificadas de gozo” ou, incertezas, qual “guardiãs do templo”.

“Dali pode brotar um corpo, milagre de uma manhã qualquer”. O inesperado pode surgir do seio da sociedade, mas que aqui, surge do útero da menina que perscruta seu mundo adulto. O corpo não é fruto de outro, mas de uma manhã que trará a vida alojada no novo dia, em companhia de um novo ser. O próximo, o devir está desenhado como forma de busca do outro, do distante. Milagre que se irmana ao resgate do ser mulher que faz brotar corpo. O retorno, como obsessão do ser mulher

equivale a ser livre, por escolha de conceber, numa manhã qualquer, um outro, mas de origem comum e sem pertencimento aliciente, porque aduz: “pode brotar”. A incerteza preconiza pertencimentos assentados na livre escolha, tatuando desejos íntimos, imputados na sua morada que é *locus* de prazer: “nossas vaginas vertentes”. É, Evaristo, restauradora da dignidade do ser mulher, negra, colonizada, mediante o acordo tácito pré-estabelecido (“lugar-texto-original”) como vínculo de uma cultura que pode conceber, livremente um outro?

A escritura-circunstância que equaciona essa deriva: “milagre de uma manhã qualquer”, nos possibilita depreender do texto de Evaristo que o retorno, como desejo pulsional da chegada, anuncia na manhã qualquer, uma relação genealógica entre África e Brasil. Entre mulher e menina, entre flor e corpo pertinentes da escritura-canto que se alastra em todo o poema *Bendito o sangue de nosso ventre*.

A escritora estabeleceu uma relação de diálogo entre a menarca, primeira menstruação, e a primeira relação de dominação imposta aos africanos, aos do Sul, ao outro, com “noites gravidas de punhais”, violando os amanheceres. A autora denuncia, ainda que veladamente, uma origem comum para as meninas, quer sejam africanas ou brasileiras, tributárias de processos escravistas, exploratórios, originários de diferentes matrizes. Isto revisitado pela escritora, na oração da Ave-Maria, que ajuda esculpe as mazelas do religioso sobre as mulheres, aliciando-as pelos processos, ainda vigentes, de catequeses. Os quais proporcionam outros desejos evasivos, de errância, de percursos, de deslocamento de ideias e culturas, pois, “(...) na dura travessia do deserto/ aprendemos que a terra prometida é aqui”, como diz essa outra Conceição. Lima in Medina (1987, p.227),

Falar da circulação de culturas é tangenciar possíveis desvios provocados pelo ato biológico e conceptual, mas é também uma rejeição ao que não é aceito como natural na sociedade: mobilidade sexual, errância opcional, deslocamento de sentidos, nomadismo sentimental, sedentarismo de ideias, variações corpóreas que culminam em violência e traumas individuais e sociais. Justo porque os corpos alertam, ou não, para o estado de acasalamento. E, no caso da mulher, pela menarca.

Nesse mosaico de imagens, da diáspora à formação corporal, da intertextualidade à deriva sentimental, o desenho embrionário de revolta está constituído. “Ela jamais há de parir entre dores/, velhas mulheres vermelhecem/ maravilhas há séculos”.

O escritor é um ser portador de experiências e influências diversas, e elas se

refletem no ato de suas criações. Quando diz que “velhas mulheres vermelhecem”, a autora não só, confirma o ato da menstruação como símbolo de arte estética corpórea, mas como certificação do ser menina que chega a ser mulher. Podemos afirmar que ao transpor os elementos da poética, como breve itinerário sensível, e mais, como rota que adentra os caminhos e as travessias da obra literária, a autora deposita sua sensível cria: o texto poético. Ele, o texto-teia, brota como concepção da sua vivência de mulher que insufla “uma nova escrita”.

As mulheres do texto e a escritora Evaristo são as que “vermelhecem maravilhas”. Assim, transformando um adjetivo em verbo - vermelhecem-, mostra, Evaristo, o poder da palavra poética que não cabe nas normas gramaticais, assim como a escritora que não se comporta às normas do social, pois sua menina: “jamais há de parir entre dores”. As dores, que, supostamente, não são as provocadas pelo parto, mas pela violência do ato de por ao mundo um ser, que, para muitas mulheres é fruto dos estupros, da violência que surge, ora como resultado dos prazeres do planejado, do pesado e socializado como arte de saberes partilhados – “avermelhados símbolos”, ora como violências simbólicas e reais vertendo, sem convite, o vinho no “cálice do nosso sangue”.

A literatura, tanto a africana de língua portuguesa, como a brasileira criam espaços privilegiados da memória social, ampliam o olhar das possibilidades, permitindo entendê-las, através dos estudos sociais, como neste sensual e afetivo texto da escritora Conceição Evaristo. Ao usar parte da Ave-maria, ela responde pela mulher como ser divino, a deusa de *Bendito o sangue* que certifica vida quando alastra *nosso ventre*, ou seja, da mulher e não da divindade.

## **O SENSUAL E O AFETIVO EM CONCEIÇÃO EVARISTO**

A literatura de Conceição é cúmplice solidária ao doar-se em expressões e liberdades tipológicas: “avermelhados símbolos, femininos unguentos, vida-vazante”, só para citar algumas das expressões. “Plenificadas de gozo” textual, a autora induz, pensar que as mulheres permitem eclodir o grito de liberdade, através da expressão literária, impraticáveis – expressão e liberdade – no seio do sistema colonial africano ou brasileiro, no qual as mulheres, do texto se inserem; ela, a expressão literária cumpre, pois, um compromisso de edificar mulher/terra, semente/sêmen, vida/sangue, cálice/vagina, através do discurso atravessado pelo literário, e, ao mesmo tempo,

social.

Souza (2019, p.94), salienta que em se tratando dos estudos sobre temas femininos e a história das mulheres é terminante as dificuldades que se aduzem para quem se arrisca dedicar-se aos estudos relativos às mulheres. Rodrigo Nunes de Souza ainda vai mais além e de forma implícita afirma que esse é um espaço “minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, pontuado de ambiguidades sutis”. O autor considera importante os estudos das produções escritas por mulheres e sua relação com a sala de aula visto o pouco espaço que estas produções apresentam no âmbito escolar.

Segundo Sousa, (2020, p.12-13), Conceição Evaristo tem sua produção acadêmica e literária voltada à escrita das vozes femininas e afro-brasileiras, porque seu objeto de análise e as subjetividades de sua criação flutuam entre os sujeitos invisibilizados pelo sistema social historicamente dominante e, conseqüentemente, opressor. Como pesquisadora, cunhou o termo “escrevivência”<sup>3</sup> para falar da escrita de autores que possuem lugar de fala semelhantes aos sujeitos e temáticas da respectiva produção literária e/ou acadêmica.

Mulher, negra e de origem pobre, antes de diminuir ou tornar empobrecedor por um viés militante sua escrita, quando analisamos as suas peças de arte, vimos justamente o contrário, a tessitura das suas narrativas e poemas ultrapassam os imaginados de lugar de interesse desses sujeitos. Como disse a autora, a sua escrita “assunta” de sua experiência, mas ao leitor/pesquisador não é necessário ser negro ou negra, identificar-se como mulher ou ter sofrido algum abuso físico-psíquico da sociedade para ser afetado por sua escrita. Sousa ainda afirma que Evaristo fala das minorias, mas escreve para todos, sua literatura é universal.

Os usos metafóricos incendeiam o corpo do texto pela intensidade de sentidos extratextuais, como diz Kayser (1976, p.128) “o seu significado abrange mais do que a mera coisa ou qualidade significada”. A autora sugestiona num primeiro momento a vagina como cálice donde jorra o sangue e, no segundo, ela afirma o óbvio de que o sangue circula porque a “humana teia” está “guardado em nossas veias”. Isto vinca

---

<sup>3</sup> Para Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, e continua, "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade". Evaristo vai mais longe sobre a ideia ao afirmar que "Ela, a escrevivência, traz a força motriz de mulheres negras escravizadas que nos antecederam".

uma certeza de que a carne é constituinte da – humana teia – que reside nas veias. Portanto, o significado de vida, não é somente o *fruto do vosso ventre*, mas o que escorre do “cálice/ de nosso sangue”, ou seja, o sangue-líquido-vida à espreita da carne: “vaginas vertentes”.

“A maternidade sempre foi vista como uma função essencial para a continuidade e sobrevivência do povo negro. Nos mitos africanos, a mulher aparece associada a fertilidade” (SANTOS, 2022, p. 102).

## CONCLUSÃO

Esta efetiva escrita de Conceição Evaristo, é uma marca importante na poesia da ancestralidade africana e afro-brasileira, com fundamento para se impor ante a avalanche colonial e o domínio masculino, os quais foram impostos à mulher ao longo dos anos.

Evaristo, na sua obra, compreendida como arte poética, traz para reflexão às transformações do corpo de uma menina (como ponto de partida, a menarca) que se solidifica no corpo da mulher, discutindo elementos simbólicos que permitem repensar sua condição social subsidiada por circunstâncias históricas, cultural, racial, sexualidade/erotização enfatiza ainda, elementos que destrói paradigmas sobre o trono da masculinidade.

Evaristo trabalha em sua obra, a temática corporal como um elemento de resistência, que proporciona a mulher descobrir seu corpo como “lugar-texto-original”. E nesse contexto, traz a MENARCA, como ponto crucial de descobertas e transformações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APA, Livia. **Poesia africana de língua portuguesa**: antologia. Rio de Janeiro: LacerdaEditores, 2003.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BERNAD, Zilá. Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre:2010.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- CHAVES, Rita. SECCO, Carmen. MACÊDO, Tania. **Brasil/África: como se o mar fosse mentira**. Unesp/Caxinde, Luanda, Angola, Chá de Caxinde, 2006.
- DÖPCKE, Wolfgang. **Crises e reconstruções – estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos**. Brasília: Linha Gráfica, 1998.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.
- FANON, Frantz. **Pele negra. Máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de literatura e cultura**. Rio de Janeiro, UFJF/EDUFF, 2012.
- FURÉ, Rogelio Martínez. **Poesia anónima africana Tomo I**. Habana, Lira, 1977.
- FERREIRA, António Manuel. **Pelos mares da língua portuguesa 3**. Aveiro: Universidade2017.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Vendas Novas:Biblioteca Breve, 1980.
- FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano I**. Lisboa: Plátano, 1989.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Vol. 1. O uso dos prazeres. São Paulo: Graal.Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A . Guilhon Albuquerque, 1997.
- FERREIRA, Teresa Maciel. **O símbolo lua, o nome Luamanda, a relação (erótica/sexual) da personagem com a lua: uma análise do erotismo presente em “Luamanda”, conto de Conceição Evaristo**. Universidade Federal do Amazonas. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, n. 3, p. 484-500, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2454>. Acesso em: 22/04/2023.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

HAMILTON, Russel. **Literatura africana, literatura necessária**. Lisboa: Edições 70, 1984. KAYSER (1976,

LARANJEIRA, Pires. **Revista de Estudos literários**, 5. Coimbra: Centro de Literatura portuguesa, 2015.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Colibri, 1998.

LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MARAGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas africanas de língua portuguesa**.

Lisboa: Regra do Jogo, 1987.

MATA, Inocêncio. **A casa dos estudantes do Império e o lugar da literatura na conscientização política**. Lisboa: UCCLA, 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha mamana África**. São Paulo: Edições epepeia, 1987.

MONTEIRO, Manuel Rui. **Entre mim e o nômade – a flor**. In: Teses Angolanas. Lisboa: Edições 70- União dos escritores angolanos, 1981, pp. 29-34.

OLIVEIRA FILHO, Kleper de Souza; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. **Fases da Lua**.

06 de ago. de 2018. Disponível em <http://astro.if.ufrgs.br/lua.htm>. Acesso em: 22/04/2023.

PAES, J. P., **Poesia Erótica em Tradução**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998

PARREIRAS, Ninfa. **Da África e sobre a África – textos de lá e de cá**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

QUEIROZ, V., **Crítica Literária e Estratégias de Gênero**, Niterói: EDUFF, 1997.

REIS, Livia. **Conversas ao Sul – Ensaios sobre literatura e cultura latino-americana**. Niterói: Editora da UFF, 2009.

REIS, Livia. **Estudos & pesquisas – fronteiras do literário**. Niterói: Editora da UFF, 1997.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo,

Perspectiva, 1988.

RICCIARDI, Giovanni. **Sociologia da Literatura**. Men Martins: Europa América, 1971.

RODRIGUES, Edmilson Moreira., CARVALHO dos Santos, P. H. (2020). **A poética domar: Metáfora de entrelugar na Literatura Africana**. *Navegações*, 13(2), e37167.

Disponível em: <https://doi.org/10>. Acesso em: 22/04/2023.

SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte, Humanitas/UFMG, 2009.

SAÚTE. Nelson. **As mãos dos pretos – antologia do conto moçambicano**. Lisboa. Dom Quixote, 2007.

SAÚTE. Nelson. **Nunca mais é sábado – antologia de poesia moçambicana**. Lisboa. Dom Quixote, 2008.

SOUZA e SILVA, Manoel de. **Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique**. Edusp/UFMG, São Paulo, 1996.

SOUZA, Rodrigo Nunes. **A percepção da condição feminina moçambicana e afro-brasileira: uma leitura de contos de Lília Momplé e Conceição Evaristo na sala de aula**. Campina Grande, 2019.

SOUZA, Isabelle Carolinne Melo de. **Mulheres inscritas insubmissas: estudo sobre a representação feminina em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo**. Natal, 2020.

XAVIER, Lola Geraldine. **Literaturas africanas em português: uma introdução**. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2017.